



4

RAYMOND CHANDLER
O IMENSO ADEUS

tradução de
MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

LIVROS DO BRASIL

A primeira vez que vi Terry Lennox, estava ele perdido de bêbedo dentro de um *Rolls Royce* último modelo, estacionado à entrada do Dancers Club. O guarda do parque trouxera o carro até à entrada e segurava a porta porque o pé esquerdo de Terry Lennox ainda balouçava no exterior, como se se tivesse esquecido dele. Tinha uma cara jovem, mas o cabelo era branco como papel. Pelos olhos, reconhecia-se que estava bêbedo que nem um cacho, mas de resto parecia-se com qualquer outro tipo simpático de *smoking* que tivesse gastado mais do que devia numa casa que existe precisamente para esse fim.

A seu lado estava uma rapariga. Tinha cabelos de um lindo tom acobreado e um sorriso distante; sobre os ombros, o *vison* azul quase fazia com que o *Rolls Royce* parecesse um carro qualquer. Quase. Nada consegue ofuscar um *Rolls Royce*.

O guarda era do tipo comum: um ar meio bruto e um casaco branco com o nome do restaurante bordado a vermelho no peito. Começava a estar farto.

— Oiça cá — disse, irritado —, importa-se muito de puxar a perna para dentro do carro para eu conseguir fechar a porta? Ou quer que eu a abra completamente para o senhor cair no chão?

A rapariga lançou-lhe um olhar que o podia ter perpassado de um lado ao outro do corpo. Mas isso não o amedrontou.

O Dancers Club é frequentado por uma clientela que nos destrói todas as ilusões sobre os benefícios que o dinheiro a rodos possa trazer à personalidade de um indivíduo.

Um carro estrangeiro entrou em alta velocidade no parque de estacionamento, um homem saiu de dentro dele e acendeu um longo cigarro com o isqueiro do *tablier*. Trajava uma camisa axadrezada, calças amarelas e botas de montar. Passou levantando nuvens de incenso, sem se dignar a desviar os olhos para o *Rolls Royce*, provavelmente pensando que o carro era de mau gosto. Defronte da escadaria que levava ao terraço, deteve-se para ajustar o monóculo.

A rapariga disse num arranque de simpatia:

— Querido, tenho uma ideia maravilhosa. Porque não vamos de táxi até tua casa buscar o descapotável? Está uma noite estupenda para um passeio pela costa até Montecito. Tenho lá uns amigos que dão hoje uma festa junto à piscina.

Delicadamente o rapaz de cabelos brancos respondeu:

— Tenho imensa pena, mas já não existe. Fui forçado a vendê-lo.

Pela voz e articulação das palavras ninguém diria que bebera alguma coisa mais forte do que sumo de laranja.

— Vendeste-o, querido? Como?

Afastou-se dele deslizando no banco, mas a sua voz afastou-se muito mais ainda.

— Fui forçado — disse — para comer.

— Ah, já percebi.

Agora nem um gelado se teria derretido sobre ela.

O rapaz dos cabelos brancos estava nesse momento a um nível acessível ao guarda — o dos sem dinheiro.

— Olhe, seu pelintra, vou arrumar o carro. Até à próxima, se a houver.

Deixou a porta abrir-se. O bêbedo deslizou imediatamente

do banco e caiu sobre os fundilhos das calças. Aproximei-me e meti a minha. É sempre asneira metermo-nos com um bêbedo. Mesmo se nos conhece e gosta de nós pode desatar aos berros e dar-nos um soco nos dentes. Segurei-o por debaixo dos braços e pu-lo de pé.

— Muitíssimo obrigado — disse delicadamente.

A rapariga pôs-se ao volante. Com uma voz de aço inoxidável retorquiu:

— Sempre que apanha uma bebedeira fica insuportavelmente inglês. Obrigada por o ter agarrado.

— Vou pô-lo no banco de trás — disse eu.

— Tenho imensa pena, mas já estou atrasada. — Destravou, e o *Rolls Royce* começou a deslizar. — É um cão perdido — acrescentou com um sorriso aberto. — Talvez o senhor saiba de uma casa que o queira. Ele está na rua, mais ou menos.

E o *Rolls* virou em direção ao Sunset Boulevard, depois à direita e desapareceu. Quando o guarda voltou, eu continuava ainda a olhar o carro e segurava o homem que agora dormia profundamente.

— É uma solução como outra qualquer — disse o tipo de casaco branco.

— Pois é — respondi cinicamente. — Porquê desperdiçar tempo com um bêbedo, com umas curvas assim e tudo o resto?

— Conhece-o?

— Ouvi-a chamar-lhe Terry. De resto, nunca o vi mais gordo, mas só estou aqui há duas semanas.

— Traga-me o carro — pedi-lhe, dando-lhe o bilhete.

Quando o meu *Olds* chegou, eu tinha a sensação de que segurava um saco de chumbo. O tipo de casaco branco ajudou-me a pô-lo no banco da frente. O indivíduo abriu um olho, agradeceu-nos e mergulhou novamente no sono.

— É o bêbedo mais delicado que conheci — disse ao tipo de casaco branco.

— Há-os de todos os tamanhos e feitios e com todos os géneros de educação — respondeu-me. — E nenhum deles tem cheta. Este parece ter feito em tempos uma operação plástica.

— Ham, ham.

Dei-lhe um dólar, e ele agradeceu-me. Não se enganava quanto à operação. O lado direito da cara do meu novo amigo estava gelado, esbranquiçado e riscado por cicatrizes finas. No sítio das cicatrizes, a pele luzia. Uma operação plástica, e das sérias.

— Que pensa fazer com ele?

— Levá-lo para casa e pô-lo em estado de me dizer onde mora.

O tipo de casaco branco sorriu.

— Se se quer armar em parvo, é consigo. Eu cá deitava-o para a sarjeta e continuava. Estes perseguidores do vinho só dão chatices. Tenho uma filosofia muito minha sobre estas coisas. Da maneira como hoje em dia está a concorrência, um tipo tem de poupar as forças para se proteger dos assaltos.

— Pelo que vejo, tem-se dado bem com ela — respondi-lhe.

Ficou perplexo e logo em seguida furioso, mas nessa altura já eu tinha o carro em marcha.

Claro que em parte ele tinha razão. Terry Lennox trouxe-me grandes complicações, mas esse é o meu ofício.

Eu vivia nesse ano na Avenida Yucca, em Laurel Canyon, numa casa pequena na encosta, numa rua sem saída e com um lanço de escadas em madeira, bastante alto, que dava acesso à porta de entrada. Uma fiada de eucaliptos bordava o caminho. A casa estava mobilada e pertencia a uma mulher que tinha

ido viver durante uns tempos para Idaho com uma filha viúva. A renda era baixa, em parte porque a senhoria queria poder voltar de um momento para o outro e, em parte, devido às escadas. Começava a estar demasiado velha para se haver com elas de cada vez que chegava a casa.

Consegui que o bêbedo as subisse. Ele queria ajudar, mas as pernas pareciam borracha e adormecia constantemente a meio dos pedidos de desculpa. Abri a porta, arrastei-o para dentro, estendi-o num divã comprido, cobri-o com uma manta e deixei-o adormecer. Durante uma hora ressonou como uma baleia. De repente acordou e quis ir ao quarto de banho. Quando voltou olhou-me atentamente e perguntou-me onde diabo estava. Disse-lhe. Ele contou-me que se chamava Terry Lennox, que vivia numa casa em Westwood e que ninguém o esperava. A voz era clara, nada pastosa.

Disse que não se importaria de beber uma chávena de café. Quando o trouxe, bebeu-o cuidadosamente, aos goles, segurando o pires junto à chávena.

— Como vim eu aqui parar? — perguntou, olhando em redor.

— Apanhou um pifão no Dancers Club. A sua amiga correu-o do *Rolls*.

— E com toda a razão. Era perfeitamente justificado.

— É inglês?

— Vivi em Inglaterra, mas não nasci lá. Se me deixar telefonar para chamar um táxi, vou-me embora.

— Tem um à espera.

Desta vez desceu as escadas sem ajuda. Pouco falou durante o caminho até Westwood, a não ser para me dizer que eu tinha sido muito amável e que lamentava a maçada. Provavelmente, já dissera estas mesmas coisas tantas vezes e a tantas pessoas que se tornara automático.

O seu apartamento era pequeno, abafado e impessoal. Poderia ter-se mudado para lá nessa mesma tarde. Sobre uma mesa de café, em frente de um sofá verde e duro, estava uma garrafa de *scotch* já a meio, gelo derretido dentro de uma tigela, três garrafas de soda vazias, dois copos e um cinzeiro cheio de pontas de cigarros sem traços de batom. Em toda a sala não existia qualquer fotografia ou objeto de uso pessoal. Podia ser um quarto de hotel alugado para uma conferência ou uma despedida, para umas bebidas e dois dedos de conversa ou para um encontro amoroso. Mas não uma casa onde alguém efetivamente vivesse.

Ofereceu-me uma bebida, e eu disse que não, obrigado. Não me sentei. Quando saí, agradeceu-me mais, mas não como se eu tivesse subido a uma montanha por sua causa, nem como se não tivesse qualquer importância. Estava um pouco trémulo e envergonhado, mas continuava a ser educadíssimo. Ficou junto à porta aberta até que o elevador automático subisse e eu entrasse. Podia não ter mais nada, mas não lhe faltava boa educação.

Não voltara a mencionar a rapariga. Nem que não tinha emprego nem projetos e que gastara quase o último dólar no Dancers Club; tudo por uma pequena da alta-roda que não podia esperar para se assegurar de que ele não era metido na gaiola pelos chuis do carro-patrolha ou apanhado por um dos que têm a mania de que são fortes e atirado para um campo ermo depois.

Enquanto o elevador descia, pensei em voltar atrás e tirar-lhe a garrafa de *scotch*. Mas eu não tinha nada com o assunto e não adiantava. Eles arranjam sempre maneira de o obter quando querem.

Guiei até casa, preocupado. Sou normalmente um tipo duro, mas havia um não-sei-quê naquele fulano que me impressionava.

Não sabia ao certo o que era, se os cabelos brancos, se a cara com a teia de cicatrizes, se a voz clara ou se a delicadeza.

Talvez fosse isso. Não havia qualquer razão para que eu o tornasse a ver um dia. Ele era simplesmente um cão perdido, como dissera a rapariga.